



Resposta ao artigo publicado na «Independencia» da Povoação de Varzim, sob o título «correções»

(Continuado do n.º 5)

v

Agora voltemos do Fundão para passar uma revista a uma collecção de artigos publicados pelo distincto litterato Luiz Antonio Palmeirim, que publicou em differentes n.ºs litterarios do *Jornal da Manhã* do Porto no anno de 1886 com o titulo *A Poesia Popular nos Campos*. E' realmente um trabalho difficil de coordenar e que o sr. Palmeirim soube bem desenvolver esses artigos acompanhando com uma prosa finissima todas as canções que de permeio lhe são intercaladas, e pena foi que o sr. L. A. Palmeirim não dissesse onde tinha tirado varias canções, porque nos pouparia agora trabalho que deveras é massador, e alem d'isso não teriamos agora de fazer citações. Porem ellas são necessa-

rias, e não podemos deixar de as fazer. Por exemplo, diz o sr. Palmeirim:

Quem tem meninos no berço
Por força lhe ha de cantar;
Quantas vezes canto eu
Com vontade de chorar!

Ha de ter paciencia sr. Palmeirim: esta cantiga pertence ao sr. Antonio Thomaz Pires, pois que a publicou em 1885 na nossa *Revista* a pag. 86 col. 2.ª, e senão veja:

Quem tiver filhos pequenos
Por força lhe ha de cantar:
Quantas vezes canta a mãe
Com vontade de chorar!

Comquanto não seja bem igual, o sentido é o mesmo. E n'este caso, seguindo a doutrina do douto Landolt., aqui temos um plagiato ou cousa que o parece.

Mas este caso tambem já se deu com outro sujeito que sem mais que nem porque a copiou da collecção do sr. Antonio Thomaz Pires.

Sigamos nosso caminho, e

continuando vemos mais abaixo outra que diz assim:

Se fores domingo á missa,
põe-te em parte que te veja,
não faças andar meus olhos
em leilão pela igreja.

Esta canção acha-se publicada no meu *Ramalhete de canções populares colhidas no concelho d'Espozende* a qual tem o n.º 49 e que diz:

Se fores domingo á missa
põe-te em parte que eu te veja
não faças andar meus olhos
em leilão pela igreja.

Canção genuina de Espozende recolhida em 1886 e publicada nos principios do anno de 1887, as canções são como os passaros exportados fielmente de um povo para outro povo.

Em seguida publica outra que se exprime assim:

Se eu soubera que voando
Alcançava o que desejo,
Mandava fazer as azas
Que as penas são de sobejo.

Na nossa carteira temos apontado uma canção popular que ha muitissimo tempo recolhemos nos arredores da villa de Barcellos, a qual é exacta a esta e que passamos a transcrever:

S'eu soubesse que voando
Alcançava o que desejo,
Mandava fazer as azas
Que penas ha de sobejo.

O sr. Palmeirim diz em seguida na sua canção:

Oh! chora, olhos, chora,
Que o chorar não é desprezo,
Tambem a Virgem chorou,
Quando viu seu filho preso.

E a pag. 18 da *Revista do Minho* em uma colleção de canções populares de Barcellos de C. A. Landolt., le-se.

Chora, olhos, chora, olhos,
Que o chorar não é desprezo!
Tambem a Virgem chorou
Quando viu seu filho preso.

Mais adiante diz o sr. Palmeirim na sua delicada proza «A rapariga não é bonita, mas para o poeta não ha difficuldades; até na fealdade acha recursos com que justificar-se.»

Ouçam-n'o:

Entre pedras e pedrinhas
Nascem raminhos de salsa,
Pega-te á feia que é firme,
Deixa a bonita que é falsa.

Agora ouçamos o sr. Landolt um anno antes na *Revista do Minho*, canção n.º 44:

Salsa da beira do rio,
Da beira do rio salsa;
Mais vale uma feia lisa,
Do que uma bonita falsa.

Isto com relação ao pensamento da cantiga é muito certo, ninguem se namore de boniteza porque diz a cantiga:

Namorei-me da bonita
Cuidando que era fazenda,
Agora quero comer
A bonita não m'alembra.

Mas tambem é muito certo
que se a cantiga do sr. Palmei-
rim não foi plagiada do sr. Lan-
dolt é por tanto uma variante.

(Continúa)

José da Silva Vieira.

Cancioneiro Minhoto

(Continuado do n.º 6 do 7.º anno)

(Recolhidas em Barcellos)

302

Mandaste-me esperar
Na capella de S. Braz;
Esperei e não viestes,
Tens palavra de rapaz.

303

O' Senhora dos Remedios
Com vós tenho devoção;
Não tenho nada que vos dar
Dou-vos o meu coração.

304

Tres vezes nove vinte e sete,
Mais amores tenho eu;
Se mais quizesse mais teria,
Foi fado que Deus me deu.

305

O' Manoel, Manoel,
Dá o anel á Maria;
Que já m'ó tinha pedido
Para ir á romaria.

306

As pennas leva-as o vento
Que tão leves ellas são!
—As lagrimas são mais pezadas
Que saem do coração.

307

Já não quero cantar mais
Hoje já muito cantei,
Só quero deixar a voz
Como quando comecei.

308

Quem me dera ao pé do rio
A' sombra do seu chorão,

Para cantar a minha dor
Do fundo do coração.

309

Se no mundo não ha dois mundos,
Nem no ceu ha dois senhores;
Como é que pode haver
N'um coração dois amores?

(Recolhidas em Espozende)

310

As moças de Espozende,
Arredae a cara p'ro lado;
Que ahí vem as de Fão
Com o ranho dependurado.

311

N'um sabbado heide morrer
N'um sobbado m'heide enterrar,
Quatro rapazes solteiros
P'ra cova m'hão de levar

312

Foi ao norte buscar bacalhau,
As moças do norte, tem cara de pau.

313

Foi ao Norte buscar sardinhas,
as moças do norte, tem cara de espinhas.

314

Alí vem os barcos á vella,
Ahi vem a sardinha boa,
Ahi vem o meu amor
Assentadinho á prôa.

315

Ahi vem os barcos á vella,
Só o meu amor não vem,
É certo que o mataram
Ou elle matou alguém

316

A todo o homem do mar,
Saragoça lhe está hem;
Saragoça ao meu amor
Esta-lhe melhor que a ninguem.

317

Alegria de meus olhos
Não sei que rumo levou:
Tão alegre eu era d'antes,
Tão triste agora sou.

318

Laranja na laranjeira,
Dá quantos voltas quer;
E' como o rapaz soiteiro
Em quanto não tem mulher.

319

A todo o homem do mar,
Se lhe pode dar a filha;
Da-lhe o vento na vella,
Para ella ganhar a vida.

320

A rua Direita não presta,
A do Feital não tem valia;
Vá à rua do Becco Doce
Que lá está a melhoria.

(Continúa)

José da Silva Vieira.



Miscelanea Folk-lorica

—*—

—Na terra onde *viviris*, faz como vires.

—E' isso, meu derricho.

—Quem come sem conta, vive sem honra.

Nada?

—Quem bem nada não se afoga.

—Quem está no meio tem um sapo no seio.

—O' minha mãe, tapiço, que la vem o batalhão do chouriço.

—Ande eu quente e ria-se a gente.

—Quem está diante do meu sol, tem o diabo no fol.

—Quem está na minha frente, tem o diabo no ventre.

—Quem está no meio, tem o diabo no seio.

—Quem bem atraz come m. . . de rapaz.

—Quem quer a bolota, atrepa.

—Quem foi ao vento, perdeu o assemento.

—Quem foi ao ar, perdeu o logar.

—Quem o alheio veste, na praça o despe.

—Berimbau quer gaita.

—O mundo é uma bola, partido ao meio são duas gamellas.

—O mundo é uma bola, quem navega n'elle é o carambola.

—O mundo é uma bola, quem o joga carambola

—O rabo da vacca é o mais ruim de esfollar.

—Essa mica cá me fica.

—Tem folgo de gato.

—Tem sete folgos como o gato

—Azedo como o rabo do gato

—Antão foi a Fão,

jogar o trambolhão. *(Esp.)*

—Não se pode ser juiz com semelhantes *maldomos*. *(B)*

Eu bem te dizia;

que papas à noite fazia cortar azia.

E' aquelle? . . .

—Quem! . . .

—O cara d'além . . .

(engano) *(Barc)*

Pergunta:

—Quem morreu?

Foi quem pão comeu,
foi para a cama adormeceu,
deitou-se a dormir e morreu.

—Só por Deus.

—Falla por sete, è uma chaga a fallar

—Pegadiço cóm'ò breu, cóm'ò visgo.

—Tem olhos de gaio.

—Ditosos olhos que o vêm

—Em vista dos autos, andam as pulgas aos saltos.

—A cuidar morreu um burro.

—Não e com essa que me illudes.

—E' como a preguiça que morreu á sede no meio do rio.

—Feio como um bicho,

—Esperto que nem um albo.

—Quem muito pede, muito fede.

(Continúa)

Arieiv.